A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1.° de Dezembro de 1906 | NUM. 6

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

ORGANIZEMO-NOS

A última greve dos operarios desta capital veio mais uma vez proporcionar-nos ensejo de apreciar todo o valor da organização nas lutas operarias.

Não tinhamos, a bem dizer, uma única associação em actividade que fizesse a precisa propaganda dos meios a empregar para que os trabalhadores pudessem, com probalidade de êsito, reclamar a mínima melhoria que fosse; entretanto, ao estalar a greve, os proletarios de Porto Alegre, como que impulsionados por brados de inadiaveis necessidades, procuraram a união dos esforços e a aliança dos individuos para a luta que se ía empenhar. E os resultados dessa salutar converjéncia de fôrças foram além do que se podia prevêr, atenta a pouca educação do nosso operariado para essas pugnas, em que as classes dirijentes põe em acção todas suas fôrças para esmagar os que ousam perturbar-lhes a tranquilidade da dijestão.

Se, nas condições de incertezas em que se encontravam, sem a indispensável firmeza que advem da comprensão e prática da solidariedade, os operarios conseguiram que es patrões modificassem de um pouco o seu sistema de *ganhar dinheiro*, é bem de imajinar a que resultados chegariam esses operarios si uma sólida organização de classes os unisse para a conquista das suas lejítimas aspirações.

Sirva de estímulo o pouco que conseguimos e procuremos numa melhor e mais vasta organização a fôrça para vencer os potentados do Capital.

Tenham bem presente os trabalhadores que a burguesia vence pela organização que possui e não pelo número e menos ainda pela justiça da sua causa.

E' na organização e na solidariedade dos individuos que reside toda a fôrça das colectividades, quaisquer que sejam elas, e no dia em que nós, que somos a maioria absoluta e possuimos a serenidade de consciencia que nos dá a justiça da causa por que combatemos, unirmo-nos em efectiva aliança de esforços, não só conseguiremos melhorar nossas condições de trabalho e vida, como tudo que a nossa qualidade de homem nos permite aspirar no seio da sociedade para a qual damos toda a actividade da nossa enerjia.

E o melhor meio dos operarios conseguirem os fins que almejam é pela organização sindicalista, princípio que, sobre ser lojico, é firmemente baseado na longa esperiencia das lutas operarias.

E vencerão certamente os operarios quando tiverem firmemente uma organização sindicalista, donde são banidas todas as dissenções e preocupações estereis da politica, para deixar os individuos ajindo livre e conscientemente, sem alheias sujestões, obedecendo a si proprio e voluntariamente solidarizando-se com seus companheiros para conquistar directamente dos patrões a maior soma possível de bem-estar e liberdades.

Organizemo-nos, pois!

O MUNDO

Relanceando a vista pelo mundo afóra, que se nos depara? — A opulência além da fome, o crime além da ignorancia...

Abutres, sedentos de sangue e exterminio, compartilharam o globo em muitos quinhões, como se compartilha uma presa. Ao mais forte, coube maior pedaço, e em cada pedaço assentaram seus arraiaes, de inveja, de fome, de ganância, o que denominaram imperio, monarquia, república.

Nestas divisões do globo degladiam-se partidos políticos e religiosos, e os onipotentes, do alto, com um sorriso alvar nos lábios sensuaes, divertem-se, satisfeitos pela sua obra. Mas há quem passeie a vista por todo êsse tremendo lamaçal da ambição, onde a cobiça se compraz em despojar, e a moral verdadeira tenta livrar-se das nódoas do lodo pútrido. E tem-se raiva e tem-se nojo — raiva dos grandes senhores que sorriem de mófa para aquêles que os sustentam; nojo da hipocrisia que a êles serve de máscara. E' a imagem do cinismo requintado. E' a perfeita encarnação da farça.

Sente-se a sensação de espectador deante do palco colossal da vida.

Occasiões há em que a representação se transforma em sanguinolenta tragedia: — guerras nas fronteiras, entre povos de diferentes raças, guerras dentro das fronteiras, entre irmãos, filhos da mesma pátria, e, quantas vezes, filhos dos mesmos pais. Combatem porque homens armados afastam os famintos a bradar por pão, mais pão, da porta dos tesoiros de seus amos. Uma parte da gente guarda estes tesoiros e a outra acumula-os, abarrota-os. Que horror! Que miséria!

Tem-se a representação constante: — Homens, bem jantados, que governam; homens, com fome, que são governados. E' o espectro da miséria, feio, horripilante, a chocar ossos; é a figura obesa do burguês, má, sorridente, estúpida, a arrotar fartura.

No espaço das conciencias, porém, se entrecruzam os relámpagos da verdade. Dentro dos limites das nações, a maça move-se, agita-se. Rijos furacões desencadeados açoitam o negro mar da humanidade, cada vez mais encapelado, cada vez mais ameaçador!...

Rujem bôcas escancaradas a pedir pão, e estes rujidos confundem-se com os gritos das almas encarceradas a pedir luz E' que, como as almas precisam de ideal, as bôcas precisam de pão.

No entanto, nada de abafar este barulho infernal, o monótono e triste martelar das novas cruzes para os calvários novos.

Não temem, nem temerão os homens livres. Continuam a elaborar um novo mundo e impelem a ponta-pés o mundo velho para a vala comum. Querem o mar encapelado e não ouvem as ameaças, não veem os suplicios porque, fecundado pela fôrça da coragem, o jérme da luta está bem dentro, bem entranhado nos refolhos dos seus corações...

Rio, 13-9-906 ZÉZÉ.

ÉCOS DAS OFICÍNAS

Visíta de um jornalista á "Fiação e Tecidos". - Afirmatívas falsas. Nossas informações. - A verdade.

Decididamente, certos jornalistas indíjenas ou julgam-se na Beócia, ou então acham-se firmemente convencidos de que os operarios são uns ignorantes chapados que facilmente se deixam confundir com meia duzia de palavrões, mais ou menos bem alinhados.

Sempre que percebem que os trabalhadores, cansados de suportar o secular sacrificio que lhes impõe a sociedade burguêsa, procuram alcançar alguma melhoria de condições de vida, os jornalistas, que vivem das sopas da burguêsia, põem-se em campo em defesa da *bôa ordem* e do sossêgo da sociedade; verberando e atribuindo maus intúitos aos movimentos operarios.

Por meio de generosos conselhos moralistas (*êles* pregando moral!...) procuram chamar os *transviados* ao bom caminho, isto é, fazer com que os operarios abandonem seus proprios interesses, continuando na submissão incondicional ao que estabelecem os patrões, com a sanção e garantia do Estado.

Aos mais ousados que lutam e que procuram compenetrar seus companheiros de miseria dos verdadeiros papéis que representam no concerto social o patrão e o operario, mimoseiam os jornalistas com os *melhores* qualificativos que encontram em suas ressenhas de insultos que são os instrumentos predilectos da profissão parasitaria que esercem.

Quando lhes convém apelam para a opinião do povo e falam das classes operarias com um finjido acatamento pelas suas vontades; porém, quando essas classes, que realmente representam o povo, põem em perigo os priviléjios das classes de *élite* (*élite* aqui quer dizer, em linguagem jornalística, *gente de capitais*) já não reconhecem mais o direito e competencia das classes trabalhadoras de lutar por seus interesses e nem a autonomia consciente dos individuos de procurar a aliança de quem entendam ou de pensar como julguem acertado.

Vêm êles então com seus ralhos e conselhos, como se se tratasse de crianças ou idiotas, *orientar* os operarios e avisar-lhes que se precavenham contra os que no seio das classes pregam ideas que não estão de acôrdo com o actual estado social de egoismo e esploração.

Quando se trata de servir os interesses da burguesia, duma eleição, por esemplo, aí os srs. jornalistas reconhecem a autonomia do individuo e o direito que cada um tem de optar por esta ou aquela idea politica, por este ou aquele candidato, que são, aliás, todos iguais, apesar da aparente diversidade de opiniões de cada um. Mas quando os operarios, convencidos de que verdadeiramente ninguem trata dos interesses que lhes dizem respeito, tentam agir por outros métodos que não estão, naturalmente, no programa da burguesia, os jornalistas já não reconhecem mais a independencia consciente dos trabalhadores para recorrer a este ou aquele meio de luta e presentam-se, cheios de autoridade e *bom senso*, procurando dar solução ás questões operarias, sempre tendo em vista, é claro, não ferir os *interesses da sociedade*, quer dizer, os interesses do capitalismo.

Felizmente, porém, os operarios já conhecem bem os intitulados «mentores da opinião», e, nenhum ouvido prestando ás suas catilinárias interesseiras, vão buscando os meios de se instruir e de se organizar para o combate permanente que tem de sustentar contra o burguesismo absorvente, até conseguir a total conquista dos direitos e liberdades inerentes á todos os homens de toda parte do mundo.

÷

Um dêsses jornalistas, fiel ao seu compromisso de defensor das esplorações capitalistas, visitou há dias a fábrica da Fiação e Tecidos, e de lá trousse as melhores impressões, que vasou pelas colunas de sua folha, tentando demonstrar a nenhuma razão dos que dizem a verdade relativamente ao que ali se passa.

Em rápido relancear de olhos e ajudado pelas informações de um dos directores do estabelecimento, concluiu êle que os operarios que ali trabalhavam eram escessivamente felizes, ganhando bons ordenados, bem tratados pelos xefes, trabalhando á vontade em espaçosas salas bem arejadas e até dando-se ao luxo de beber agua filtrada... em filtros que só de 15 em 15 dias são lavados!...

Nós, que não visitamos a fábrica acompanhados dos xefes e que quando queremos indagar das condições dos operarios não vamos perguntar aos directores e sim aos proprios trabalhadores com quem convivemos, chegamos a resultados diferentes e até opostos ao que chegou aquele esforçado defensor das classes altas.

Chegamos a saber, por exemplo, que uma operaria que se ocupe em limpar palas de casemira, ganha 600 réis por cada lote de 25, e só com escessivo esforço consegue ganhar a migalha de 1$800 diarios. As que se encarregam de limpar fazendas, trabalho terrivelmente fatigante, ganham 300 réis por peça, que têm em média 20 metros. «Suamos, diz-nos uma operaria, para limpar 7 ou 8 peças e ganhar 2$100 ou 2$400 por dia.»

Chegamos a saber tambem que os directores aceitam ali moças para aprender a trabalhar e que depois de um mês de aprendizajem, sem ganhar um vintem, dizem-lhes que não ha serviço e quando houver as mandarão chamar. E em seguida entram outras para o lugar daquelas, continuando a aprendizajem grátis e assim sucessivamente.

Entre os operarios que ali trabalham, alguns há que, em virtude da esiguidade do preço por que são pagas as obras e trabalhando por contrato vêm a ganhar um ordenado irrisorio.

Sabemos de alguns que, tomando trabalhos por peça e sendo estes de dificil esecução e mal pagos, vêem-se obrigados a trabalhar 10 e 11 horas por dia ganhando apenas 1$200, ou pouco mais, diarios.

A média que foi dada pelo jornal aludido como sendo o ordenado das mulheres, é realmente a média dos salarios dos homens que ali trabalham. O das mulheres varia entre 1$000 e 2$500 apenas. Quanto ás crianças ganham uma bagatela e algumas ha que, a pretêsto de serem aprendizes, trabalham grátis nas emendações de fios.

Há um que outro operario ganhando ordenados escepcionais em virtude da especialidade do trabalho em que se ocupam; mas esses casos, que são os aproveitados pelos *jornalisteiros*, não constituem regra e de modo algum devem ser tomados em conta, por gente de bom senso, para demonstração do ordenado dos operarios da Fiação e Tecidos.

Quando ao óptimo tratamento que ali recebem os operarios dos xefes e que tanto entusiasmou o aludido visitante, manifesta-se da seguinte fórma:

sempre que um operario ou operaria, por qualquer circunstáncia, deixa de trabalhar um meio-dia, sem prévia licença ou aviso, é despedido; toda vez que entendam os xefes merecer qualquer operario punição, são-lhe aplicadas multas, que variam ao arbítrio dos directores; todos os que tomaram parte ativa na ultima greve foram, pouco a pouco, sob qualquer pretêsto despedidos.

Esta é que é a verdade dos factos, que infelizmente não podemos ilustrar com citações de nomes, pois, temos certeza de que a menor suspeita que pese sobre qualquer operario da Fiação e Tecidos de que nos haja ministrado informações, será imediatamente despedido. E nós não queremos concorrer para agravar a triste situação dos que, por necessidade, se veem obrigados a ali trabalhar.

Para os embrutecidos pela escravidão a liberdade é uma utopia. — Cecilio Dinorá.

Herois e bandidos

Um homem mata outro para roubar é detido e encarcerado, condenado ignominiosamente á morte, amaldiçoado pela turba, a sua cabeça decepada sobre o odioso cadafalso.

Um povo faz uma mortandade noutro para arrebatar-lhe campos, casas, riquezas, costumes... E' aclamado; as cidades cobrem-se de gala para receber os que voltam cheios de sangue e de despojos; os poetas cantam-n'os em versos inebriantes, as musicas festejam-n'os; homens com bandeiras e charangas, donzelas com ramos d'oiro ou de flôres acompanham-n'os, como se eles acabassem de fazer a obra da vida ou a obra do amor.

Aos que mais mortes fizeram, aos que mais roubaram, concedem-se titulos retumbantes, honras gloriosas que devem perpetuar seus nomes através dos tempos.

Diz-se no presente para o futuro: «Honrarás este heroi, pois só ele fez mais cadáveres que mil assassinos».

E enquanto o corpo do obscuro matador apodrece na sepultura infame depois de decapitado, a imajem do que matou trinta mil homens ergue-se venerada, no meio das praças públicas ou repousa ao abrigo das catedrais, em túmulos de mármore abençoado, que anjos e santos guardam.

Tudo o que lhe pertenceu chega a pôr-se entre as relíquias sagradas e os povos, em romajem, visitam os museus para admirar a sua espada, a sua cota de malha e o penacho do capacete.

Octávio Mirbeau.

A LUTA

Grupo Editor de Propaganda

O grupo acaba de editar o n. 1 da série A dos falhêtos que se propõe publicar. Èsse folhêto é

BASES DO SINDICALISMO

de Emilio Pouget, e será esposto a venda pelos seguintes preços (pelo correio, franco de porte):

1 exemplar	....	200 réis
10 exemplares	....	1.500 „
50 „	....	5.000 „
100 „	....	7.500 „
500 „	....	30.000 „

Os pedidos deverão ser dirigidos á redação d'*A Luta* — rua dos Andradas n. 64 — Pôrto Alegre.

EM NOME DA PATRIA

A palavra «pátria» anda em todas as bôcas e justifica todas as acções; não há outra de que se abuse tanto.

Abre-se um jornal e aparece logo o grave e importante articulista politico defendendo as mais absurdas teorias, para honra e felicidade da pátria, seguindo-o imediatamente o negociante anunciando drogas venenosas e patrióticas.

Não ha lei que não seja inspirada pelos «sagrados interesses da patria»; não ha bandido que não justifique as suas proezas em nome do patriotismo; não ha despota que não se firme sobre o terreno glorioso do «bem publico»; não ha imposto, não ha carga, não ha servidão que não caia sobre as costas do povo a bem da independéncia, da previdéncia, do bem-estar nacional.

Um tirano, um tzar qualquer deseja mandar a distante Manchúria, ao matadouro, alguns milhares de criaturas? É a glória e a honra da patria que o exigem. O proprio déspota incarna a patria: desobedecer-lhe é crime de alta traição. Ele é que é a patria.

Um sindicato de exploradores provoca um litígio àcerca dum territorio? promove um conflito com uma população? Um bando de aventureiros origina uma revolta ou quer saquear a seu gosto? Filhos da patria, ás armas! A patria está em perigo! Ide morrer por ela!

Um governo decreta a lei do serviço militar obrigatorio ou tenta aplicá-la, isto é, procura amontoar a mais vigorosa e util juventude do país em antros de embrutecimento e de desmoralização? Excelentes jornalistas desatam a clamar que é a segurança e a independencia da patria que o exigem.

Em nome da patria, patriotas satisfeitos roubam e exploram amados compatricios, montam empresas lucrativas; em nome da patria, são fuzilados operarios que pedem um pouco mais de pão... podendo assim arruinar a industria nacional; em nome da patria, da prosperidade do país, pedem-se e votam-se leis proibitivas, alfandegas e passaportes. Protegei o «trabalho nacional», patriotas... morrendo de fome. Em nome da patria foi que em França se combateu e caluniou a «liga antialcoolica» que viria arruinar uma índustria «nacional»..

Ha só uma coisa que não se faz em nome da patria: é assegurar a todos os seus pretendidos filhos, em premio do seu trabalho, um quinhão justo de bem-estar e de liberdade. Para isso, a patria mostra-se impotente.

E infelizmente o proletariado ainda se deixa guiar bastante por ôcas declamações. E por meio de sonoros palavrões — amor da patria, independencia nacional, dedicação patriotica — que os exploradores (dispondo aliás de outros meios poderosos) conseguem manter o proletariado numa condição abjecta que será a vergonha desta epoca chamada de civilização e progresso.

Dizem ao cidadão que ele é livre, autónomo, independente, que ele goza de todas as regalias. Mas em verdade, onde estão essas regalias, essa liberdade? Não está a patria dividida em classes de homens, de tal forma que uns dispõem de tudo e os outros são obrigados a vender os braços por uma miseria afim de poderem comer?

E se o proletariado consegue um sopro de liberdade, uma migalha de bem-estar, é a patria que lhe dá isso? Não. Ele é quem o conquista pelo seu penoso e sangrento esforço contra a avidez e ferocidade dos verdadeiros possuidores da patria. A patria só lhe dá chumbo e cadeia, miseria e opressão.

Se interrogamos um declamador patriota sobre o que é a «patria», vemo-lo imediatamente enleado, gaguejando, mastigando palavras misteriosas e indecisas. Ninguem conseguiu ainda definir de modo seguro e positivo o ídolo «patria», em cujo altar se têm immolado tantas vítimas humanas. Que é a patria? Porventura o sabes tu, leitor? Conheces quem o saiba? Ha por ahi alguem que mo possa dizer?

Sería um homem de valor, porque hoje ninguem o disse de modo certo e categorico, dando uma definição de acordo com os factos. É uma idea vaga, indefinida... pela qual, entretanto, se batem os homens! pela qual entretanto se entusiasmam as turbas!

Gente com fumos de sapiencia aventura vagamente que a patria é a «comunidade de interesses»... Comunidade de interesses entre quem?

Mentira. Dentro da patria não ha comunidade de interesses de nenhuma especie. Não ha harmonia de aspirações, nem de sentimentos, nem de interesses materiaes dentro de certas fronteiras marcadas sobre o mapa.

Os patrões bem o sabem. Os capitalistas não têm patria. Os capitaes emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte; o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar os outros.

Que os trabalhadores façam o mesmo. Os seus interesses estão igualmente por toda a parte. O internacionalismo é a sua arma.

« Proletarios de todos os países, uni-vos! » tal é o grito que, desprezando todos os confins, significa o toque a reunir para a batalha decisiva.

(Da *Terra livre.*) *K. M.*

O sufragío universal é um *engôdo*... a tranquilidade dos burgueses e o *divertimento* dos trabalhadores... o sufragio universal é um ENGANO; qualquer intervenção *eleitoral* da classe laboriosa *redunda fatalmente* em favor da burguesia. — *Julio Guesde*, deputado socialista. (*L'Égalité*, 14 Julho 1878).

ESCOLA ELISEU RECLUS

Dia a dia cresce a freqüência de alumnos á essa escola de ensino livre, onde o operário encontra a instrução que lhe falta, sem se sentir constrangido pela autoridade de uma directoria prepotente nem pela filauciosa sapiencia d'um rigido professor.

Tudo ali é feito livre e voluntariamente: emquanto uns aprendem o que têm vontade de saber, outros ensinam o que podem e têm vontade de ensinar. E todos, sentindo e compreendendo os beneficos resultados da solidariedade, entregam-se ás suas preocupações e aos seus deveres livremente assumidos, perante seus companheiros.

Esta escola, que não possúe regulamentos de nenhuma espécie, tem apenas como directores administrativos um secretário e um tesoureiro, que não exercem autoridade alguma sobre os socios, e funciona com a maior ordem e armonia desejavel. Cada um dos freqüntadores é um interessado pela armonia e bom funcionamento da escola.

Damos em seguida a relação das pessôas que licionam as diversas matéria que se ensinam na „Escola Eliseu Reclus":

Adão Pesce. — *Arimética, Algebra, Economia Política* e *Mecanica.*

R. Frederico Geyer. — *Esperanto Ortografia.*

Gomez Ferro. — *Português e Geografia, Historia Social.*

A. Tito Soares. — *Historia Universal* e *do Brasil.*

C. Fetterman. — *Português Alemão, Francês.*

Nestor Guimarães. — *Fisicá, Química, História Natural* e *Caligrafia.*

João Parossini. — *Desenho gráfico.*

Frederico Kuplich. — *Ginástica Sueca.*

Artur Candal Filho e Adolfo de Araujo Correia. — *Anatomia descritiva* e *Física recreativa.*

O ANARQUISMO

As leis e o Estado

Sob o ponto de vista político, os anarquistas negam a necessidade de um governo ou Estado e sustentam, não só a inutilidade, como a perniciosidade das leis, nas sociedades humanas.

Pretende-se que as leis e o governo tenham a função de velar pela moral e bons costumes dos povos. De parte a imoralidade sustentada e defendida pelo Estado e suas leis, da propriedade privada, ponto que esaminaremos depois, vejamos que influéncia podem ter sobre os indivíduos e a colectividade essas instituições.

Qual a função do governo e das leis que põe em prática, por mais liberais que o sejam? Unicamente sancionar costumes adquiridos pela maioria do povo e obrigar, pela coacção mais ou menos violenta, a minoria, que inda não chegou a comprender a utilidade dos costumes sancionados, a praticá-los; estabelecida, porém, a plenitude da lei, isto é, conseguido que a minoria refractaria a aceite, transforma-se, então, nas mãos do governo, em instrumento reaccianario, e procura impedir a acção dos individuos cujo desenvolvimento evolutivo foi mais rápido.

Da mesma fórma que, dantes, violentamente compelia os individuos moral ou intelectualmente retardatarios a praticar costumes que êles inda não haviam aprendido, generalizado o seu fim, a lei volta-se para os mais adiantados, cujas concepções não estão mais de acôrdo com a lei, que nesse caso, pretende obrigá-los, ainda pela violencia, a retroceder e estacionar no ponto ficsado pela lei.

A despeito de todas as liberalidades lejislativas, sempre esiste essa luta da lei contra os atrasados e dos adiantados contra a lei.

Quando um desses dois elementos sobrepuja o outro a lei deixa de ter esecução. Poderiamos citar muitos esemplos de leis que cairam no olvido e inda outras que constantemente são reformadas, com o fim de mais se aprossimarem do grau de adiantamento dos povos.

Ora, se o Estado com suas leis em nada influi na vida moral dos individuos e sim estes sobre aquelas, qual a justificativa da sua esistencia? Evitar crimes, porventura? Desde épocas imemoraveis que se vem promulgando leis que punem, por esemplo, o homem que assassina outro para roubar. E esse crime porventura deixou de esistir? Não vemos sua reprodução cada dia? O estupro, o infanticidio, o incendio proposital são igualmente proibidos pela lei e os individuos que os praticarem são rigorosamente punidos. E a cada passo não se presenta um caso destes? Os que afirmam que, não esistindo a lei punindo os individuos criminosos, os crimes seriam muito mais numerosos, de modo algum podem provar-nos sua afirmativa. (*)

Qual é então a acção da lei sobre a vida moral dos individuos e sobre os costumes dos povos?

O principio democratico se fosse lojicamente interpretado chegaria a anular toda a acção das leis; segundo sua ficção as leis não são mais que emanações da vontade popular; ora, uma vez que um povo póde, ísto é, tem a necessaria competencia de escolher e sancionar uma bôa lei é claro que a dispensa por que já de antemão a pratíca por si mesmo, sendo por consequéncia desnecessario transcrevê-la para um codigo.

Entretanto como o actual edificio social repousa sobre innumeraveis e grosseiras mentiras convencionais, o democratismo é uma das tantas. O povo póde escolher o governo e as leis que quiser, mas não tem a competencia de se dirijir por si proprio, isto é, de dispensar o governo e a lei que o mesmo povo teve a superioridade de escolher para guiá-lo!...

A observação dos fenómenos sociais leva nos a conclusão de que a evolução humana não depende absolutamente de nenhum codigo, por melhor escrito que o seja. E se esistisse essa dependencia, não teriamos passado pelas diversas fases político-sociais que marcam na historia da humanidade os degraus de sua ascendencia para a idade da razão.

As leis marcam um momento da historia da humanidade e estacionam; só se modificam com os esforços do espirito sempre renovado dos individuos e dos povos. As leis só são obstáculos opostos á evolução natural da especie humana.

Conclui-se que a lei e o Estado que a escuta não só são desnecessarios ao funcionamento das sociedades como em muitos casos são de perniciosos efeitos pertubadores da bôa harmonia e da ordem natural que preside o desenvolvimento do homem, como da humanidade em geral.

Como! dir-nos-ão, se não esistir lei e governo como garantir a propriedade individual?

E' precisamente aí que chegaremos; na anarquia não haverá garantia alguma não só para a propriedade privada como para nenhuma instituição ou costume que, contrariando as leis naturais, perturbem ou impeçam de qualquer fórma o livre desenvolvimento dos individuos que constituem a sociedade.

Da sociedade sem governo (communismo anarquista) falaremos no próssimo artigo.

Cecílio Dinorá.

(*) A maioria dos crimes não são mais que consequencias da actual sociedade, que, com suas justiças, divisão de classes e roubos legais, levam o individuo ou a perecer ou a tornar-se criminoso, isto é, a procurar, por meios que são condemnaveis pelos codigos, a subsistencia que lhe é negada. « A sociedade prepara o crime; o individuo o esecuta. — *Luiz Molinari*, criminalista italiano. »

Os soberanos por orgulho e por interesse dinástico, e a classe dirigente por ambição e por seus negocios se forçam-se por inocular no povo o *virus* de um patriotismo falso e bastardo, entretanto o povo só deseja viver em paz atendendo tranquilamente aos seus proprios afazeres. — GINO PIRA.

ESPERANTO

Muitas relações cordiaes já tem atado o *Esperanto* entre pessoas das mais diversas nações.

Era de vêr com que prazêr se encontravam dois Esperantistas que, vindos de dois extremos do mundo, se viam pela vêz primeira e se entretinham como dois velhos amigos! O Esperantismo é uma grande familia; só êle faz verdadeiramente comprender, ao mesmo tempo que o realiza, êsse belo pensamento, de que todos os homens são irmãos. Sem a língua internacional, a idea da fraternidade humana, a idea até de humanidade fatalmente permanece platonica e estéril; que liame moral pode existir entre homens que a diversidade de línguas separa, fronteira intelectual muito mais difícil de varar que os límites materiaes das nações e do fisco? São literalmente surdos e mudos, impenetráveis uns aos outros.

Em quanto não tiverem sido suprimidas essas divisões estanques, que se opõe ao «livre câmbio» dos pensamentos, não se poderá repetir com inteira verdade o belo dito do poéta: « Sou homem, e nada humano me é estranho ».

Não é necessário aqui mostrar que interesse social e moral há em que se possam entender os homens além das fronteiras lingüisticas, e em que se multipliquem e se estreitem entre os póvos tôdos as relações de interesse, de solidaridade, de amizade.

Queremos apenas insistir sobre um facto bem patente: é que, se há uma classe da sociedade que tenha interesse na adopção de uma língua internacional, é a classe operária, é o «povo».

Até aqui os «burguêses», sábios, comerciantes, ou excursionistas, arranjam-se bem ou mal, aprendendo uma ou duas línguas estrangeiras; e quando alguem lhes mostra que a multiplicação das «línguas civilizadas [1]» nos leva de nòvo á tôrre de Babel, muitos respondem com desembaraço: « Aprendei as línguas vivas! » como si fôsse fácil, ou até possível, aprender meia duzia de línguas, além de tôdos os conhecimentos que sôbre-carregam o programa dos estudos secundários.

Mas, se dirigida aos previlegiados da fortuna é apenas ridícula, tal resposta tem uma ironia de fel e ódio quando é atirada aos que, possuindo apenas instrução primária, são obrigados a ganhar seu pão quotidiano.

Continúa

1) Já de há muito que nem só ao francês se considera "língua civilizada". São, hôje, "línguas internacionais", que todo homem bem educado deveria sabêr: o francês, o inglês, o espanhol, o alemão, o italiano e o *russo*. Como vêem, do *português* não se cogita, o que obrigaria, um brasileiro "bem educado" a dominar sete línguas.

Factos e Comentários

Congresso Humanista

Os srs. dr. Toledo Soiola, Serapião Palm e Orozimbro Gomensoro enviam-nos um folheto de propaganda do *Congresso Humanista* que pretendem organizar.

Não lhe comprendémos bém as tendéncias *perfeitamente sintetizadas* no filantrópico discurso do sr. Joel de Oliveira.

A caro custo pudemos constrinjir-lhe os vaguíssimos conceitos.

Sempre nos parece que os quesitos ou teses do tal congresso envolvem a descabelada pretenção de, com ademanes científicos, resolver problemas cuja solução não depende das ideas de meia duzia de „directores espirituais" e, sim, da evolução do individuo.

O congresso deseja que se faça a luz sôbre *todos os graves problemas*, e os seus iniciadores acreditam, naturalmente, na insofismável verdade do desmoralizado adájio — tão do gosto dos parlamentares: da discussão nasce a luz.

Querem discutir... e o que precisamos é ajir.

Relatório

Acaba de ser dado á publicidade o relatório apresentado á Companhia da Fiação e Tecidos pela sua directoria.

No prossimo número faremos umas ligeiras anotações a esse precioso documento.

Pró-grevistas

Conforme aviso que já fizemos á respectiva comissão, está ao seu dispôr, em nossa redacção, a quantia de 24$500, produto da subscrição pró-grevistas aberta pela redacção da *Luta*.

Pelo mundo

França

Nos últimos dias de outubro reuniu-se em Amiens o Congresso Confederal, no qual foram tomadas importantissimas resoluções relativamente á organização sindicalista do operariado.

Desejariamos dar neste numero algumas das moções adoptadas nesse congresso, afim de pormos os trabalhadores daqui ao corrente do que se vai fazendo entre o operariado francês; mas a falta de espaço obriga-nos a preterir essa publicação para o próssimo numero.

Espanha

Foi reaberta a Escola Moderna de Barcelona; é provavel que muito influisse para esse resultado os protestos levantados no estranjeiro.

O dinheiro confiscado a Férrer e que constitui o fundo da escola, provavelmente será absorvido pelo processo de indenização que se está procurando arrumar com o fim, naturalmente, de impedir que o ensino livre continúe a ser ministrado ao operariado espanhol.

Inglaterra

O dr. Newmann, em um artigo que causou sensação, declara ter encontrado em certas salchichas materias altamente prejudiciais á saúde pública. Numerosos médicos fizeram a mesma constatação e atribuem a maior parte dos envenenamentos destes ultimos tempos ao consumo de tais produtos. Verificou-se conservas feitas de carne de cavalo em decomposição e certos preparados de salmão feitos com produtos absolutamente nocivos á saúde.

E desta fórma os honrados capitalistas vão multiplicando as fortunas, pouco se importando que meia humanidade pereça envenenada!

Não perturbem a ordem...

Argentina

O ultimo n. d'*El Obrero*, que temos presente dá-nos notícia da greve havida nos primeiros dias do mês de outubro em Rosario de Santa Fé.

A associação dos estivadores resolveu declarar a greve por não quererem os patrões mudar o horario, como de costume, no dia 1.º de outubro, e sim transferir a mudança para o dia 16.

Os patrões incitados por jornais a recusarem as pretenções dos trabalhadores, resistiram e foi então que a greve assumiu um carácter enerjicamente revolucionario.

A polícia tentando dissolver reuniões de grevistas provocou conflitos, nos quais foram feridos diversos ajentes da força publica e operarios. Estava estabelecida a luta. Deram-se então outros encontros, nos quais houve mortos e feridos. Os trabalhadores mostraram-se na enérjica atitude de quem defende direitos e liberdrdes.

Cerca de 100 trabalhadores foram presos.

Os grevistas, depois de reuniões efeituadas, resolveram dar por terminada a greve, esperando em outra ajir de acordo com a esperiencia adquirida.

— Em ultima hora dá o *Obrero* a seguinte noticia:

« Chegam-nos notícias de que os trabalhadores presos no Rosario são horrivelmente martirizados pelos esbirros daquela localidade.

« Trabalhadores do mundo: Algo de tenebroso se está desenrolando no Rosario contra nossos companheiros que se acham encarcerados.

« Urje fomentar uma ajitação internacional para impedir que os modernos Torquemadas rosarenses saiam garbosos em seus infernais propositos. »

-:-

Ainda no Rosario de Santa Fé, realizou-se o 6.º Congresso da Federação Operaria Argentina e no qual foram tomadas resoluções importantes relativamente ás lutas operarias.

Uruguai

Nos primeiros dias de outubro realizou-se o 2.º Congresso Operario, em Montevidéu.

Esse congresso dedicou toda a atenção devida á obra que se havia proposto realizar, tomando resoluções importantes que mudarão a face da luta empenhada entre patrões e operarios encaminhando-a por melhores verêdas.

E' de notar que nos congressos operarios ultimamente efeituados todas as atenções se voltam para a acção directa, abandonando-se por completo as estéreis lutas parlamentares. E é esse o verdadeiro caminho para a emancipação dos trabalhadores da tutela do capitalismo absorvente.

Movimento Operário

Sindicato dos Marceneiros e Corelates

Este sindicato em sua ultima reunião discutiu e aprovou os estatutos apresentados pela respectiva comissão.

Nota-se bôa animação entre os operarios da classe para se levar avante a nascente organização.

Que os esforçados companheiros que se empenham pelo levantamento do nivel moral da classe a que pertencem, consigam seu desiderato, é o que desejamos.

Sindicato dos Marmoristas

Reunir-se-á em sessão de assembléa geral, domingo, 2 de dezembro, ás 9 horas da manhã.

Tratar-se-á da discussão dos estatutos, admissão de socios e de assuntos geraes.

União O. Internacional

No dia 15 deste mês reunir-se-á a assembléa geral desta agremiação para se proceder a eleição do Conselho Administrativo para o ano de 1907.

Bases do Sindicalismo

O freio patriótico

Na direcção cívica, a burguesia esaltou a sentimentalidade patriótica. Os laços ideolójicos que ligam os homens nacidos, graças ao acaso, entre as fronteiras variáveis dum território determinado, foram engrandecidos como os mais sagrados. Ensinou-se, sem rir, que o mais belo dia da vida dum patrióta é aquele em que êle tem o prazer de se fazer matar pela pátria.

Essas prosopopeas eram para iludir o povo, impedindo-o de reflectir sôbre o valor filosófico do vírus moral que lhe inoculavam. Graças ao barulho das cornetas, dos tambores, dos cantos guerreiros e das fanfarronadas nativistas, amestraram-no na arte de defender o que êle não tem: *o património.* O patriotismo só se esplica com um quinhão do haver social para todos os patriotas indistintamente, e nada mais absurdo que um *patriota* sem *património.* E' entretanto o que se decide a ser o proletário que não possui uma nesga do solo nacional; segue-se que o seu patriotismo é um efeito sem causa, — um caso patológico portanto.

No antigo réjime, a carreira militar era um ofício como qualquer outro (únicamente mais bárbaro) e e o esército, onde muito pouco se fazia vibrar a corda do patriotismo, era uma mixórdia de mercenários «marchando» pela paga. Depois da Revolução, imaginou-se o *imposto de sangue*, o *serviço obrigatório*... para o povo. Era uma dedução da hipótese que, desde então, a pátria seria «de todos»; ora, ela continuou a ser «de alguns», que graças ao novo sistema, resolveram o problema de fazer protejer os próprios priviléjios pelos outros, — pelos espoliados do património.

Aqui, com efeito, aparece uma formidável contradição. Os laços de nacionalidade, — de que é forma tanjível a militarização, — e que, segundo se diz, devem tender á defesa de interêsses comuns dão um resultado diametralmente oposto: comprimem as aspirações da classe obreira.

Não é tanto a fronteira ideolójica, encurralando os povos em ingleses, franceses, alemães, etc., que o esército vijia; é principalmente a *fronteira da riqueza* afim de manter os pobres encurralados na miséria. Daqui resulta que os sentimentos cívicos, são ante-sociais no mais alto grau; aceitá-los como base social seria voltar á barbaria.

O freio democrático

Na direcção democrática, a burguesia mostrou-se igualmente maquiavélica. Tendo conquistado o poder político, que lhe assegurava o império económico, não cuidou de quebrar o maquinismo da opressão que até ali funcionára em proveito da aristocracia. Limitou-se a rebocar a fachada do Estado, de modo a mudar-lhe o aspecto, fazendo-o aceitar pelo povo como um órgão novo.

Ora, na sociedade, de real só há as funções económicas, adequadas aos indivíduos e agrupamentos úteis. Por conseqùência, toda cristalização esterior, toda superfetação política é uma escrecência, parasitária e opressiva, — danosa portanto. Mas o povo não tinha conciência disso, e foi fácil enganá-lo.

A burguesia, com o fim de pôr peias á florecência da soberania económica, — realidade em germe da liberdade de associação que ela acabava de estrangular, — desviou o povo para mirajem da soberania política, cujas manifestações impotentes não podiam incomodar a esploração capitalista.

O lôgro produziu tal efeito que a noção de igualdade política, uma das mais mistificadoras que esistem, serviu, durante um século, de calmante ás maças populares. Parece, entretanto, que se não necessita grande perspicácia para compreender que o capitalista e o proletário, o proprietário de terras e o sem-eira-nem-beira, não são iguais. Não é porque uns e outros dispõem duma lista eleitoral que a igualdade é efectiva.

E o lôgro ainda dura! De tal modo que, hoje ainda, há entre os melhores do povo quem tenha sempre confiança nessas quimeras. São vítimas duma lójica superficial: o prestijio das maças populares que êles contaram e compararam com a fraqueza numérica da minoria dirijente, levou-os a calcular que bastaria educar essas maças para triunfar o povo, pelo jôgo normal das maiorias.

Não viram que o agrupamento democrático, com o sufrájio universal por base não é uma aglomeração homojénea e permanente e que é impossível coordená-lo para uma acção persistente. Esse agrupamento aprossima, fugazmente, cidadãos entre os quais não há identidade de interêsses, — como o patrão e o operário, — e quando os reune só deixa que se pronunciem sobre abstracção ou ilusões.

A incoerência dos parlamentos, a sua ignorância das aspirações populares, — e a sua impotência também, — são factos tão batidos que se torna inútil insistir neles. Não é melhor o resultado quando se esaminam as conseqùências do sufrájio universal, no círculo municipal. Alguns esemplos, rápidamente indicados, demonstrá-lo-ão.

Há cerca dum quarto de século que as municipalidades rurais estão, na maioria, em poder dos camponeses; os grandes proprietários não se opuseram a esta conquista, sabendo que, graças ás fatalidades do meio actual, e graças aos embaraços postos pelo poder central, nada de eficaz poderia tentar-se em seu seio.

Nas rejiões operárias onde, sob a pressão socialista, se realizou esta mesma conquista das municipalidades, foi insignificante o benefício para os trabalhadores. Essas municipalidades, aniquiladas pelo governo, não puderam realizar o seu programa, — e seguiram-se as decepções. Depois, outro perigo: o proletário dêsses centros, orientado para o esfôrço político, empregou neste sentido toda a sua enerjia e desprezou a organização económica. De modo que os patrões, cuja ferocidade esploradora é ilimitada, tiraram proveito do facto de não acharem, para lhes resistir, um bloco sindical activo e vigoroso.

No Norte (em *Roubaixrubê*), *Armentiéres*, etc.) onde as municipalidades são ou foram socialistas, os salários são terrívelmente baixos. O mesmo nas Ardenas: ali se tinham constituido sindicatos numerosos, mas, tendo deixado absorver-se quási complètamente pela política, perderam a fôrça de resistir ao patrão.

A todas essas taras, ajunta o democratismo uma maior, se é possível: o progresso, todo nosso passado histórico demonstra-o, é conseqùência dos esforços revolucionários das minorias concientes. Ora o democratismo organiza a sufocação das minorias, em proveito das maiorias carneirescas e conservadoras.

O democratismo, com seu sufrájio universal e sua soberania política, leva pois a cimentar a escravidão económica da classe operária.

Renacimento do papel do sindicato

A obra de desvio do movimento económico, tentada pela burguesia, só podia ser momentánea. O agrupamento corporativo não resulta duma cultura artificial; nace e desinvolve-se, espontánea e fatalmente, em todos os meios. Acha-se na antiguidade, na idade-média, como hoje. E por toda parte se verifica que o seu desinvolvimento foi estorvado pelos privilejiados que, temendo o poder de espansão dêsse agrupamento, tomavam contra êle medidas proibitivas, sem contudo conseguir estirpá-lo.

Não admira tão intensa vitalidade na associação corporativa; o seu aniquilamento definitivo é impossível realizar, pois que, para isso, seria preciso destruir a própria sociedade. Efectivamente, o grupo corporativo tem suas raizes no modo de produção, e dele deriva normalmente. Ora, como a associação para a produção é uma inelutável necessidade, como poderiam os trabalhadores; aglomerados para a produção, limitar a sua coordenação aos contactos e relações úteis sòmente ao patrão que tira proveito da sua esploração em comum? Pois que, para satisfazer os interesses capitalistas, constituiram-n-os em feixe económico, e era preciso que tivessem uma mentalidade de moluscos para não saberem ultrapassar em suas relações entre esplorados os límites postos pelo patrão.

Fatalmente, os operários dotados dum poucochinho de bom senso deviam chegar a verificar o antagonismo flagrante que os faz, — a êles, produtores — inimigos irredutíveis do patrão: êste é o ladrão, êles os roubados. Entre êles o desacordo é, pois, tão radical que só políticos ou lacaios patronais podem cantar «o acôrdo entre o Capital e o Trabalho.»

Além disso, os salariados não podiam levar muito tempo a reconhecer que a rapacidade patronal é tanto mais esijente quanto mais fraca fôr a resistencia operária. Ora é fácil notar que o ínsulamento do salariado constitui o seu mácsimo de fraqueza. Por conseqùência, tendo já o agrupamento para a produção ensinado o esplorado a apreciar os benefícios da associação, êste só precisava de vontade e iniciativa para criar a sociedade de defesa proletária — o SINDICATO.

Em breve apreciaram-lhe o valor: a burguesia, que tem pouco medo do «Povo Eleitor», era constranjida pelo «Povo sindicado» a reconhecer o direito de coligação e a liberdade sindical.

Emilio Pouget.

As leis que, segundo se diz, protejem a propriedade, só defendem a propriedade adquirida pelo roubo — a que está nas mãos dos ricos. — LEÃO TÓLSTOI.

A LUTA

Nossa permuta

Recebemos durante a quinzena: *Rio Grandenser Valerland, Il Tempo* e *Pau Bate*, desta capital; *Novo Rumo* e *Gongresso*, do Rio; *Terra livre, Bataglia* e *Il Libertario*, de S. Paulo; *La Verità*, de Minas; *Les Temps Nouveaux*, de Paris; *La Aurora del Marino*, de Buenos Aires; *El Obrero*, de Montevidéu.

Notas e avisos

Pedimos aos nossos companheiros do interior do Estado que nos remetam informações e notícias sobre o movimento operario nas respectivas localidades.

Caixa postal

J. Sadoski (Rio Grande) — Recebemos. Vão 50.

A. Branco (Rio Grande) — Esperamos correspondencia.

G. Malfatto (S. Leopoldo) = Recebemos á última hora; no prossimo numero daremos a lista.

Subscrição voluntaria

Lista da redacção: — Saldo do numero anterior 88$940; José Aguado 1$; Carreta 400; Dias 100; Pompeu P. Petrarcha 400; Venda 500. Total — 91$340.

Lista de J. C. de Alencastro: — V. Batista 100; Aristides J. Silva 200; J. F. 300; J. C. A. 200; Artur B. 100; Matias B. 200. Total — 1$100.

Lista de João Sadoski (Rio Grande): — J. Sadoski 1$; J. Barcélos 100; J. M. Pinto 100; Egidio Scalabrini 200; João M. Rodríguez 500; Boaventura L. Garcia 500; Alberto Dionello 1$; Anselmo Guaresemini 500; José Garibaldi 200; Atilio Lambert 500; Alexandre Kempa 400; Carlos Sroca 500; Clemente Dulinski 500; Sophia Zurawski 500; Carlos Pflugrath Junior 500; Macario d'Oliveira 240; S. Alexandre d'Oliveira 260; excedente 300. Total (deduzido para porte 800) — 7$000,

Lista de J. Másarek) — Leonardo Domeradski 1$; Veterano 500; Stempirakovi na pomnik 200; Vrogu Streiku 300; D. Pedro Gómez 100; H 200; Viva a Luta! 300; B. P. 1$400. Total — 4$000.

Balancete

Entradas:		
Lista da redacção....	91$340	
Diversas listas......	12$100	103$440
Despesas:		
Sêlos e papel.... ...	5$000	
Impressão do n. 6...	47$000	52$000
Saldo.....................		51$440